



Panorama da Crítica Cinematográfica no Jornalismo Impresso do Rio Grande do Norte¹

Elidiane Poquiviqui do NASCIMENTO²
Prof^ª Dr^ª Maria do Socorro Furtado VELOSO³
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO: Este artigo trata das atuais características da crítica cinematográfica no Rio Grande do Norte presentes nos três veículos impressos de maior circulação na capital potiguar: Tribuna do Norte, O Jornal de Hoje e Diário de Natal.

Por meio de pesquisa documental e análise de conteúdo, buscou-se avaliar as edições dos jornais, no período de 04 a 19 de março de 2011, sob o viés do jornalismo cultural e considerar as vertentes do gênero crítica de cinema no estado do Rio Grande do Norte, identificando as características gerais como o espaço dedicado a essas colunas, a valorização pelas empresas de comunicação de espaços e profissionais para esse tipo de texto, a periodicidade, a existência de linha editorial e o público alvo.

PALAVRAS-CHAVE: crítica cinematográfica; jornalismo e cinema; jornalismo impresso; Rio Grande do Norte.

Introdução

O cinema possui uma atração pública maior que as outras artes, capaz de lotar as salas de exibição. Isso se deve a capacidade do domínio fílmico, principalmente, com bases na habilidade de impressão de realidade (METZ, 1972).

A capacidade de produção com imagem em movimento que tornou o cinema atrativo, causando proximidade aos espectadores e popularizando a arte, revelou também o poder de atingir uma linguagem quase universal, ao passo que o cinema é acessível a várias camadas sociais e não exige conhecimentos técnicos para ser compreendido, apenas experiência de vida. Essa possibilidade proporcionou o surgimento da indústria cinematográfica, inserindo o cinema na realidade da indústria cultural, conforme definida por Adorno e Horkheimer.

Nesse contexto a crítica de cinema se insere como um é um gênero jornalístico que abre espaço para temas pautados pela sociedade, diferenciando-o do inusitado no

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Pós Graduada em MBA em Mídias Sociais e Gestão de Comunicação, da Universidade Potiguar. Graduada do Curso de Comunicação Social, bacharelado em Jornalismo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, email: elidianepoquiviqui@gmail.com

³ Orientadora Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (UFRN) e Docente do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, email: socorroveloso@uol.com.br.



qual é baseado o jornalismo diário. As palavras crítica, critério e crise, são originárias do verbo grego *Krino*:

[...] criticar não é apenas decifrar uma criação inconsciente, a do artista. Criticar não é aplicar mecanicamente um critério já pronto a uma obra ou ação. É entrar na crise. É propor critérios que antes não existiam. É inventar o novo. E talvez aí esteja o forte e profundo sentido ético da arte: não mais ela exprimir uma moral pronta e prévia, a da religião, a de um mundo que transcenda o nosso, mas de apontar um modo de agir aberto à experiência e à novidade. (RIBEIRO, 2000, p. 32)

Assim, se faz mais do que uma necessidade o exercício da crítica no jornalismo cultural brasileiro já que é neste espaço que a “linguagem jornalística [aparece] como modalidade singular de conhecimento” MACHADO (1992, p. 20) na medida em que expondo possíveis contradições da obra, o crítico não só informa o leitor como o orienta.

Segundo Moura (2002) no Brasil, a partir dos anos 90, sob a alegação de que o leitor não está interessado em ler opiniões elaboradas, os jornais diminuíram o espaço para as críticas, e por consequência o status de crítico de cinema como um especialista no assunto. “As resenhas foram ganhando o tom de resumos adjetivados e as reportagens destacando o artista como personagem, com a obra em terceiro plano”.

Essa superficialidade e esse personalismo são o contrário do que sempre pregaram e praticaram os críticos profissionais de todo mundo. Ao contrário do que tanta gente pensa, a arte sai perdendo quando não há um clima de debate fomentado pela crítica de qualidade e responsabilidade, escrita por profissionais que saibam fundamentar opiniões em conhecimento de história e técnica e numa linguagem cristalina e atraente. Essa tendência apontada por Moura (2002) também foi observada na história da crítica cinematográfica no Rio Grande do Norte.

Breve Histórico da Crítica de Cinema no RN

Os norte-rio-grandenses foram apresentados ao cinema na noite de 16 de abril de 1898, em um depósito de açúcar na rua do Comércio, atual rua Chile, no bairro da Ribeira. O responsável foi Nicolau Maria Parente, que em outras ocasiões também exibiu o cinematógrafo, no interior do teatro da “Fênix Dramática Natalense”, grupo de teatro de destaque na cena cultural da época, de acordo com o jornalista e crítico de cinema Anchieta Fernandes, no livro *Écran natalense*, (1992).



Desde a primeira exibição de cinema em Natal, o chamado “cinematógrafo”, houve a documentação no jornalismo impresso local, não apenas do acontecimento, mas também de comentários e opiniões acerca dos filmes e das técnicas do cinematógrafo. As notícias e resenhas foram publicadas no jornal *A República*, na edição de 19 de abril de 1898, portanto, pode-se afirmar que a crítica de cinema iniciou-se no Rio Grande do Norte ao mesmo tempo em que os potiguares conheceram o cinema. As críticas foram publicadas sem a assinatura do comentarista, que acabou por se tornar um anônimo, haja vista que o jornal não possui o registro do nome do autor da primeira crítica de cinema potiguar.

O Cinematógrafo

Sábado à noite o Sr. Nicolau parente fez uma excelente exibição do cinematógrafo- mais uma das grandes aplicações da eletricidade devida ao grande gênio de Edison.

O trabalho agradou bastante e é uma das melhores diversões que temos gozado nessa capital. Foram exibidos as cenas do “Jubileu da Rainha Vitória”, onde viam-se todos os movimentos do grande cortejo, os ‘Banhos da Alvorada’, a ‘A catedral de Milão’, ‘O Casamento do Príncipe de Nápoles’, ‘O Panorama de Veneza’, ‘A Chegada em Gôndola’ e ‘A chegada do Trem’. É de notar a naturalidade com que são representadas todas as cenas, dando a ilusão do Natural. O ‘Banhos da Alvorada’ sobretudo, merecem os favores do público distinguindo-se perfeitamente os gestos dos banhistas e os salpicos d’água. O Sr. Parente pretende demorar-se nesta capital, exibindo muitas outras cenas do cinematógrafo. Serão porém sempre exibidos os ‘Jubileu da Rainha Vitória’ e os ‘Banhos da Alvorada’ e a ‘Chegada do Trem’.

O espetáculo de hoje consta das mesmas vistas, porém o de amanhã promete ser muito variado.

O público ficará agradavelmente surpreendido com as explicações do cinematógrafo, e é de esperar que proporcione extraordinárias enchentes a excelente distração de que nos vimos ocupando.

Foi também no jornal *A República* que outras colunas dedicadas ao cinema surgiram. Em 1911, com a inauguração do cinema Politheama, primeiro espaço físico dedicado exclusivamente à projeção de filmes, a coluna “Palcos e Salões” começou a dedicar-se ao comentário cinematográfico, e, na década de 20, passou a chamar-se “Palcos e Telas”, o que significa que a sétima arte estava obtendo sucesso na capital potiguar.

Ainda no jornal *A República* surgiu, na década de 30, a pequena coluna “Cinema”, sucedida em 1948 pela coluna Cinema- Crítica Cinematográfica, primeira publicada com a assinatura de um autor, o jornalista Lívio Dantas, e trazia em seu conteúdo comentários sobre filmes exibidos no mês anterior. O jornal também



publicava reportagens e notícias da correspondente em Hollywood, Nelita Abreu Rocha. Em 1956, Arnobio Fernandes assume com a coluna “Falando de cinema”.

Na década de 70 tem início a publicação da coluna “Visual” de Osório Almeida, e em 1980, a experimentação ficou por conta do suplemento cultural “Contexto”, que publicou em abril uma lista com os “30 melhores filmes de todos os tempos”, eleitos por 14 estudiosos de cinema natalenses.

Outros jornais também publicaram colunas. Em 1947 o jornal *Diário de Natal* dá início a coluna Cinematografia, assinada por Lew Vew, além de dedicar páginas do suplemento cultural dos finais de semana à temas cinematográficos.

O jornal *Tribuna do Norte* iniciou a publicação de críticas do jornalista Valério Andrade em 1955. Em 1957 Berilo Wanderley assumiu a coluna *Revista da Cidade*, na qual publicou muitas críticas sobre os filmes em exibição; a coluna é considerada um dos grandes destaques da crítica de cinema no Rio Grande do Norte. E em julho de 1983 foi publicada uma lista com os 10 melhores *westerns* de todos os tempos

O Cineclube Tirol também foi atuante na crítica de cinema natalense com a publicação de um quadro de cotações sobre os melhores filmes exibidos por mês, no jornal *Tribuna do Norte*. Para competir o jornal *Correio do Povo* criou seu Conselho de críticos para publicação de notas aos filmes exibidos. (FERNANDES,1992,p.91)

Não apenas nos periódicos a crítica de cinema teve espaço no Rio Grande do Norte. Na década de 40 a Rádio Poti Veiculou o programa “Cinema do Ar Leve”, o Cineclube-Tirol lançou na década de 60, na Rádio Nordeste o programa “Cine Arte” e em 1968 foi ao ar o “Imagens do Cinema”, apresentado e escrito por Franklin Capistrano, Fernando Pimenta e João Charlier Fernandes.

A partir do anos 2000 o *Diário de Natal* e a *Tribuna do Norte* passaram a incluir críticas cinematográficas em colunas semanais que foram mudando de nome e de autores. *O Jornal de Hoje* implementou a sua coluna em 2005 e até 2011, observou-se ainda esse cenário. Apenas 3 colunas são publicadas no RN: Claquete, no *O Jornal de Hoje*, Refletores da Fama, na *Tribuna do Norte* e Tomada 3, no *Diário de Natal*.

Estrutura atual das colunas

As resenhas sobre produções cinematográficas possuem tradicionalmente características próprias. A sinopse, a contextualização da trama e a argumentação acerca dos pontos fortes e fracos da obra resenhada são algumas delas.

Claquete



A coluna *Claquete* é publicada no *O Jornal de Hoje*, às sextas feiras. É escrita pelo jornalista e engenheiro civil Nilton Ramalho. É veiculada desde agosto de 2002 e composta principalmente de notas e ocupa meia página do jornal.

Apresenta basicamente a sinopse dos filmes que estréiam nos cinemas de Natal, sempre acompanhados de pequenas imagens dos filmes, em um Box intitulado “O que está em cartaz”, enquanto no espaço “Filme da Semana” é publicada uma resenha cinematográfica.

Tomada 3

Publicada no jornal *Diário de Natal* às sextas-feiras e é escrita pelo jornalista e produtor Marcelo Barreto. Ocupa meia página do jornal, que possui formato tablóide. É publicada desde setembro de 2010.

Estruturalmente a coluna é dividida em três partes: “Na telona”, “Na TV” e “No DVD”. No espaço “Na telona” são apresentadas resenhas sobre algum filme em cartaz no cinema, principalmente as estréias, “Na TV” trata de séries, fictícias ou documentais, que são exibidas na TV aberta ou fechada, enquanto “No DVD” são apresentados filmes ou séries.

Refletores da Fama

A coluna “Refletores da Fama”, escrita pelo jornalista Valério Andrade, é publicada aos sábados no jornal *Tribuna do Norte*. Ocupa uma página inteira do jornal, em formato standard, e não possui uma divisão estrutural fixa. Trata principalmente de assuntos como memória do cinema, literatura, televisão, novelas, comentários cinematográficos em geral e crítica de cinema.

Aspectos analisados

As características analisadas estão relacionadas principalmente a estrutura do texto, as modalidades de crítica e a função adquirida. Para tal utilizamos as definições de Moura (2002) e Piza (2009). Para Moura (2002) quanto à estrutura da crítica de cinema o mais comum é seguir a regra dos 4t’s, trama, temas, tese e texto. A trama consiste no aspecto descritivo do filme, para ele os temas dos filmes também devem estar presentes em uma crítica de cinema, levando em consideração que um mesmo filme pode abranger vários temas. As teses devem ser expostas e debatidas, e o texto deve conter o ponto de vista do autor do filme. No chamado texto, é discutida a linguagem cinematográfica e sua relação com os propósitos do filme.



Quanto às modalidades de crítica cinematográfica, existem diferentes teorias. Para Daniel Piza⁴, são quatro os tipos de críticas: as impressionistas, as estruturalistas, as concentradas no autor e as concentradas no conteúdo.

As críticas impressionistas são aquelas mais rotineiras, nas quais “o autor descreve suas reações mais imediatas diante da obra, lançando adjetivos para qualificá-las” (PIZA, 2009, p. 70) e apresenta a vantagem da sinceridade com o leitor, já que o autor expõe sua opinião na forma mais pura.

A resenha estruturalista é a que “pretende olhar os aspectos estruturais da obra, suas características de linguagem, e avaliá-la de acordo com as transformações sofridas por aquela arte ao longo do tempo” (PIZA, 2009, p.71).

Ainda segundo as definições de Piza, existem também as modalidades de crítica concentrada na autoria, se preocupam muito mais com os feitos do autor do que com a representatividade da obras, e a concentrada no tema, que destaca a discussão do conteúdo central da obra e representa fontes para um pensamento mais sociológico do que crítico-cinematográfico.

Para o autor, a boa crítica de cinema deve ser uma combinação dos pontos que se destacam em cada modalidade de crítica, e destacar seus atributos, que são a objetividade, sinceridade, preocupação com o leitor e com o tema. A crítica “deve ser em si uma peça cultural, um texto que traga novidade e reflexão para o leitor, que seja prazeroso de ler por sua argúcia, humor e/ou beleza.” (PIZA, 2009, p.71).

Análise Geral

Nosso campus é formado por 9 críticas, 3 do *O Jornal de Hoje*, escritas pelo jornalista Newton Ramalho, 3 do *Diário de Natal*, redigidas pelo jornalista Marcelo Barreto e mais 3 de autoria do jornalista Valério Andrade do jornal *Tribuna do Norte* publicadas entre 4 e 19 de maio de 2011.

Observamos a presença de informações sobre o filme, tais como sinopse, profissionais envolvidos na produção, descrição de cenas e personagens, experiências, sensações e impressões produzidas por ele, uso de técnicas e cifras relacionadas ao processo de produção.

Percebemos, também, o repertório cinematográfico mobilizado ou requerido pela crítica como, por exemplo, a referência a outros filmes, e referências diretores,

⁴ Jornalismo Cultural, editora Contexto, 2009.



gêneros, correntes ou tendências de produção a quais as críticas se aproximam, contrapõe ou comparam, além da possível presença de referências a um repertório cultural, midiático, social ou de atualidades bem como as qualidades estéticas e estruturais ressaltadas.

A primeira coluna observada foi à coluna Claquete, do jornalista Newton Ramalho. Nesta coluna a estrutura do texto dividida em trama, texto tese e tema são facilmente observadas. A trama é o destaque da coluna, ocupando a maior parte do texto.

A parte estrutural tema é o ponto de partida para a discussão de temas que extrapolam. De acordo com a classificação de Rachel Barreto (2006, p.133) trata-se de uma crítica “sociologizada”:

“...leva em consideração a relação do filme com o momento histórico, cultural e social de que trata, no qual foi produzido ou ainda no qual foi exibido. Pensa o cinema como algo que ilumina ou reflete a realidade de que trata, muitas vezes usando o filme como ponto de partida para reflexões que o extrapolam. Essa modalidade de análise valoriza elementos extrínsecos ao filme, que apontam para aquilo. (BARRETO, 2006, p.133)

O colunista procura, quando é possível, fazer relação do tema do filme a problemas da sociedade, ou questionamentos sociais e pessoais que possam ser resultantes.

A coluna Claquete não apresenta a tese, que, de acordo com Moura (2002, p. 68), seria o espaço em que os pensamentos, ideais, ou objetivos do diretor são expostos, mesmo que depois o crítico discorde sobre o alcance desses aspectos pensados pelo diretor ou realizador do filme analisado.

No desenvolvimento do texto, como uma das divisões estruturais da crítica, o jornalista comenta os aspectos da linguagem cinematográfica que em seu ponto de vista merecem destaques, geralmente positivos. Os aspectos mais comentados nas críticas da coluna Claquete são: atores, interpretação, trilha sonora, fotografia, roteiro e direção.

Com relação às modalidades críticas, percebemos que os textos da coluna Claquete são sempre híbridos. Em nenhuma ocasião adotou-se apenas um modelo de análise. Todas as críticas publicadas por Newton Ramalho na coluna Claquete classificam-se como impressionistas e estruturalistas, ao mesmo tempo e eventualmente com foco no tema.



Isso pode ser analisado como um ponto positivo, como aponta Piza (2009, p 71), por oferecer ao leitor a possibilidade da combinação dos atributos que cada modalidade apresenta. No caso das críticas da coluna Claquete esses atributos seriam principalmente a sinceridade, objetividade e preocupação com o tema.

As críticas desta coluna são classificadas como impressionistas pela repetição de algumas características como: descrição dos pensamentos imediatos diante da obra, utilização de qualificação por adjetivos, comentários sobre as preferências pessoais do crítico. O caráter estruturalista da crítica fica por conta da exploração das características da linguagem cinematográfica já citadas. O autor costuma apresentar opções para os “furos” que enxerga nas obras. A apresentação dessas “opções” geralmente é realizada de maneira a incitar no leitor um pensamento crítico pessoal com relação à temática do filme. O repertório cinematográfico requerido pela crítica costuma ser popular, são poucas as referências a outros gêneros, correntes ou tendências de produção.

As críticas do jornalista Newton Ramalho publicadas na coluna Claquete, são simples e objetivas, redigidas para causar interesse no público em geral, sem utilizar linguajar rebuscado, ou exigir conhecimentos cinéfilos mais completos e com função voltada para consumo. Um aspecto interessante é que o jornalista não limita-se a publicar em um jornal diário resenhas de filmes em cartaz nos cinemas locais, o autor também resgata alguns filmes antigos, não trata apenas dos *blockbusters* impostos pela indústria do cinema. Mesmo assim, o autor não costuma identificar em seu texto o ano das obras que comenta, ou o título original da obra.

Outro aspecto da crítica de Newton Ramalho é que ao falar do filme de forma negativa, apontando defeitos, o crítico costuma fazê-lo de maneira suave, através de sugestões ao autor ou a "leitura" do filme por parte do leitor da coluna. Ramalho indica a obra ao leitor, para que ele possa tirar suas próprias conclusões. O crítico não determina o sentido do filme, sugere a possibilidade do sentido.

A segunda coluna observada durante a pesquisa foi a publicada no *Diário de Natal*, a coluna Tomada 3 do jornalista Marcelo Barreto. A característica desta coluna que mais chama a atenção em relação às outras analisadas nesta pesquisa é o tamanho. O espaço da coluna Tomada 3 ocupa meia página de jornal no formato tablóide, no entanto, a coluna é ainda dividida em três partes : “Na TV”, que fala sobre minisséries e novelas; “No DVD” que fala sobre seriados, e “Na telona” que trás uma crítica de cinema. Isso significa dizer que o espaço dedicado a crítica de cinema é muito pequeno,

o que de certa forma também se torna um empecilho ao desenvolvimento do texto e das idéias.

Sobre a estrutura, a crítica de Marcelo Barreto é praticamente decidida em duas partes, trama e texto. A parte dedicada à trama da obra é sempre o primeiro parágrafo das críticas, no qual o autor apresenta o filme a ser comentado, incluindo uma pequena ficha técnica contendo o nome original da obra, o país de produção e o ano, seguida de uma sinopse resumida.

Na parte do texto, a crítica do *Diário de Natal*, costuma apresentar alguma informação extra-filme, como por exemplo, quando se trata de uma obra proveniente da literatura, ou levanta o questionamento central do filme. Não há muito espaço para a explicação da qualificação positiva ou negativa dos elementos fílmicos da obra, mesmo assim, em algumas ocasiões o autor ainda consegue realizar comparações com outros filmes para exemplificar o raciocínio.

O autor costuma deixar implícita sua opinião sobre o filme, nunca diz que um filme é ruim, mas é possível perceber que quando o filme assistido não o agrada, o jornalista indica o filme apenas para os que apreciam o gênero da obra, ou as características que o filme possui, quando apresentadas em seu texto.

As modalidades críticas exploradas por Marcelo Barreto são as impressionistas e estruturalistas. O autor utiliza o espaço para emitir sua opinião pessoal, a impressão imediata que a obra causou a ele ou às pessoas que estavam na mesma sala de cinema, tudo acompanhado por uma justificativa ou comparação com outra obra do cinema, para que o leitor possa compreender o que o crítico desejou apontar.

Na parte estruturalista das críticas de Marcelo Barreto, são destacados dois ou três aspectos da linguagem cinematográfica que chamam a atenção do autor, por seu bom uso ou mau uso. Geralmente são comentadas as atuações, roteiro e direção. A função da crítica de cinema da Tomada 3 é essencialmente para consumo.

Para analisar essa crítica é essencial analisar também a legenda da fotografia que sempre ilustra o texto. Costumam ser as imagens de divulgação enviadas pelas produtoras acompanhadas de legendas que instigam o leitor a fazer questionamentos ou analisar a informação. As legendas complementam a parte crítica do texto e geralmente destacam aspectos no filme que o crítico constatou como interessantes, ou que na opinião dele, não podem ser deixados de lado.



Devido ao pouco espaço o autor não costuma utilizar-se da descrição de cena, de fala dos personagens ou comparação entre a atuação de um mesmo artista em filmes diferentes como forma de argumentar suas análises. Apesar das análises serem curtas, o crítico consegue transpassar seu conhecimento cinematográfico, e indicar aspectos procurados por um público leitor leigo, cumprindo assim a função pretendida.

As críticas publicadas na coluna Refletores da Fama, do jornal *Tribuna do Norte*, de autoria de Valério Andrade, se aproximam mais das críticas do jornalista Newton Navarro do *O Jornal de Hoje*. A estrutura das críticas é a mesma, tema, trama e texto. As modalidades preferidas pelo autor são as impressionistas e estruturalistas.

Os textos de Valério Andrade são totalmente voltados para o rendimento cinematográfico e os aspectos envolvidos para tal. Podemos então incluir as críticas da *Refletores da Fama* dentro do tipo “Autonomizada”, que segundo a classificação de Barreto (2006, p.133) “Valorizam-se aqui, geralmente, as qualidades estéticas e estruturais da obra, avaliando o uso da linguagem cinematográfica e a coesão e coerência das partes para formar o todo que é o filme.”

Nesse quesito, o autor sempre comenta em suas críticas um dos seguintes aspectos: roteiro ou narração; e a partir da avaliação que esses aspectos recebem, é desenvolvida a crítica ao redor dos demais que os tornaram bons ou ruins. Por exemplo, se um roteiro é bom, mas o filme é ruim, ele comenta sobre a atuação e a produção de forma a preservar o roteiro “culpando” os outros aspectos pelo todo do filme.

O autor não costuma prender-se aos aspectos sociais da obra, os ideais defendidos ou o poder de incitar novos pensamentos nos espectadores, as críticas são voltadas para o filme e para o cinema, e eventualmente, para a história do cinema.

No desenvolvimento do texto o autor procura citar apenas os objetos da linguagem cinematográfica que chamam sua atenção, e frequentemente o que costuma ser mais observado pelo crítico são a adequação dos atores as características psicológicas dos personagens e a atuação em si. As avaliações das atuações geralmente demandam muito mais espaço e cuidado na hora de analisar. Inclusive o texto sempre é fechado por um parágrafo especial intitulado “Conclusões críticas”, o qual é praticamente destinado a comentários exclusivos sobre a atuação.

Mas talvez a característica que mais chame a atenção na obra de Valério Andrade é sua liberdade linguística, ele não utiliza de eufemismos quando do apontamento das imperfeições das obras cinematográficas, desde o título, que geralmente dá o tom da crítica, até a “conclusão crítica” o autor utiliza adjetivos



positivos e negativos sem suavizar qualquer opinião. Tanto é que é prática deste crítico classificar os filmes que avalia nas categorias: fraco, razoável, bom e ótimo ou excelente, logo no início do texto.

Apesar de objetiva e sincera sobre as opiniões, nem sempre o autor se coloca ao mesmo nível de seu leitor, o que é perceptível pela citação de gêneros, escolas do cinema, e grandes diretores da história de forma que a crítica direcionada para o público leigo, exija em alguns momentos conhecimentos mais especializados, os quais o autor possui.

A função da crítica é voltada para o consumo, o que pode ser comprovado pela cotação das obras cinematográficas, e indicação ou não da obra feita de forma direta, sem entrelinhas ou subentendidos. Além disso, os filmes comentados são sempre os que estão em cartaz nos cinemas da cidade, ou seja, as críticas servem para incitar o leitor a assistir um determinado filme ou para agregar informação extra aos que já o assistiram.

Considerações Finais

A análise permite encontrar a definição de características comuns à construção dos textos estudados que servem como forma de iniciar uma discussão sobre o alcance das críticas de cinema, a valorização ou desvalorização dos profissionais que se dedicam a esta área e do jornalismo cultural como um todo.

Apesar de ser um gênero jornalístico que historicamente obteve destaque, foi possível concluir que atualmente a crítica de cinema não é tão valorizada. A partir da realização de entrevistas com os críticos de cinema e aplicação de questionários com o público em geral averiguou-se que apesar da maior parte da população ser apreciadora do cinema, não é grande a parcela que gosta de ler críticas cinematográficas. No entanto, ainda existem entusiastas desse gênero.

Dentre os entusiastas estão os cinéfilos e os críticos de cinema. Enquanto as colunas sociais tomam a maior parte do espaço dentro dos cadernos denominados pelos veículos como cadernos de cultura e os colunistas sociais são cada vez mais valorizados e contratados pelos jornais impressos, dois dos críticos de cinema cujos textos foram avaliados nesta pesquisa sequer recebem um salário ou são jornalistas contratados pelos jornais para o qual escrevem, e apenas um deles recebe ao menos a assinatura do jornal com o qual contribuem. A crítica de cinema no Rio Grande do Norte é fruto de dedicação e amor ao cinema.



Tratando do conteúdo da crítica de cinema que os leitores de jornais impressos do Rio Grande do Norte tem acesso, pudemos, através da pesquisa, avaliar alguns pontos centrais, são eles: estrutura, modalidade e função.

De modo geral pode-se afirmar que a estrutura das críticas publicadas nos 3 jornais avaliados é similar, compostas por apresentação do tema, desenvolvimento da tese e análise fílmica no texto.

A crítica de cinema no jornalismo impresso potiguar está dividida com relação a sua função social: enquanto as do *O Jornal de Hoje*, costumam evocar o máximo possível o contexto social no qual o filme está inserido e sugerir pensamentos críticos e ideológicos junto ao leitor, a crítica do *Diário de Natal* tenta realizar essa mesma função, sendo algumas vezes impedida por limitação de espaço, enquanto a crítica desenvolvida no jornal *Tribuna do Norte* raramente busca tratar o viés social que o tema do filme pode sugerir ou tratar.

Ao ler as críticas de cinema no jornal impresso, os potiguares são bem informados da trama da história, de forma bem esmiuçada, caso a leitura seja no *O Jornal de Hoje*, de forma resumida, mas suficiente se o jornal lido for o *Diário de Natal*, e de forma específica e psicológica na *Tribuna do Norte*.

A análise fílmica é um dos aspectos que mais difere as três colunas. No *O Jornal de Hoje*, os aspectos cinematográficos são tratados de forma a aproximá-los do leitor, nenhum termo específico ou complexo é utilizado e a crítica assume um tom de conversa informal entre amigos. As colocações positivas e negativas são feitas de forma quase iguais, nenhum tom impositor é tomado, mas informações de opiniões pessoais e adjetivos de qualificação são utilizados, colocando a obra na modalidade estruturalista e impressionista e com foco no tema, nas ocasiões em que os aspectos sociais ganham destaque.

No *Diário de Natal*, a limitação de espaço também interfere na avaliação dos aspectos cinematográficos, de forma que, na maior parte dos textos os objetos são citados e qualificados como bem executados ou não. É impossibilitada uma análise mais profunda, mesmo assim, a coluna se encaixa nas modalidades impressionistas e estruturalistas.

As críticas publicadas no jornal *Tribuna do Norte* assumem um tom mais especializado, possivelmente pela vasta experiência do jornalista na produção de resenhas cinematográficas. É frequente a utilização termos ou comparações que exijam um conhecimento acima do básico, no entanto, a utilização de um linguajar mais



popular indica que o público alvo são realmente as pessoas leigas no assunto que procuram conhecer melhor o filme, ou para assisti-lo ou para adquirir alguns conhecimentos extras e assim poder comentar melhor a obra. A avaliação das etapas cinematográficas e da linguagem são realizadas de forma mais específica, e as críticas são colocadas de forma segura, direta e objetiva.

Pode-se concluir assim que as críticas de cinema no jornalismo impresso do Rio Grande do Norte ainda são elementos híbridos, tanto na estrutura, como nas modalidades e linguagem. Cada crítico possui seu próprio foco, forma de avaliação e motivação.

Outro ponto comum entre as críticas são as funções que assumem, todas elas são voltadas para o consumo. O que significa dizer que possuem o objetivo de orientar e incitar o os leitores a assistirem e avaliar os filmes ou fornecer informações extras, ou detalhes que provavelmente o podem passar despercebidos pelo público leigo. Todas de forma mais ou menos explícita classificam os filmes, e indicam, ou não, ao leitor. Eventualmente as críticas das 3 colunas oferecem aos leitores alguma informação ou conhecimento sobre a linguagem cinematográfica e a história do cinema, nessas ocasiões podemos dizer que as funções também podem hibridizar entre estrutural e voltada para o consumo.

As imposições da industrial cinematográfica ainda se destacam nas críticas de cinema, nenhuma produção local ou “cult” foi analisada, no período de recorte, apenas os grandes lançamentos, principalmente hollywoodianos, foram tratados. Apenas uma das críticas foi motivada por um filme lançado já a alguns anos e que não foi um blockbuster de sua época.

Nenhuma das críticas é especializada, também, não poderia se esperar algo assim publicado em um jornal impresso diário, que deve possibilitar o acesso de qualquer pessoa que saiba ler e interpretar textos, ou seja, o público chamado leigo. Mas isso nos trás um questionamento, se as críticas dos jornais não possuem hoje esse formato estritamente analítico poderemos continuar a chamá-las assim?

Consideramos que as críticas continuam existindo em outro formato que não o das resenhas especializadas, foram assim adaptadas as necessidades e ao público alvo dos jornais. Apesar de sua escassez nas publicações, sendo impressas uma vez por semana e algumas com espaço bastante limitado, isso não aponta sua extinção. A crítica mais aprofundada, discutida e talvez mais polêmica hoje tem espaço para o público que procura especificamente esse formato, em revistas sobre cinema ou na internet,



inclusive a internet é utilizada pelos críticos Newton Ramalho e Valério Andrade para expandir suas análises, ambos possuem sites próprios para realização de críticas, e as críticas de Marcelo Barreto também podem ser recebidas por e-mail ou ainda encontradas no site do crítico e amigo pessoal Newton Ramalho.

Interessante foi avaliar as possibilidades da crítica, o poder de adaptação ao público alvo e a longa trajetória de desenvolvimento, ápice e desvalorização, não só da crítica de cinema como do jornalismo cultural como um todo, o chamado caderno B, menos importante no jornalismo impresso.

No entanto, o caráter criativo e mediador do cinema e do jornalismo nos fizeram pensar que a observação da crítica poderia retratar qual a aceitação, dedicação e o objetivo desse gênero jornalístico no Rio Grande do Norte do século XX, o mesmo estado que conheceu o cinema tão pouco tempo depois de seu lançamento em Paris.

Porém, ao analisar nosso objeto empírico, tivemos certa frustração com o resultado encontrado. Não porque ele não se aproxima de um ideal ou porque não tem uma forma determinada ou esperada, mas porque se limita, se restringe a alguns papéis, não problematiza ou questiona seu lugar, não explora profundamente toda a gama de possibilidades a seu dispor.

A vocação da crítica atual, focada no consumo e a semelhança no tratamento dos filmes e das questões por eles despertadas apontam para uma integração cômoda baseada na repetição. Ao invés de explorar os limites e possibilidades, a crítica se adequa, muitas vezes, a uma visão dominante, e até mesmo reducionista, do cinema, do público, do jornalismo e mesmo da própria crítica. Não são encontradas riquezas de visões, a interpretação de certa forma é limitada.

Outra frustração surgiu também da procura por livros e publicações sobre o assunto. A priori, por ser um gênero tão conhecido, pensamos que não haveria nenhum desafio em encontrar livros sobre o assunto, idéia que foi desconfigurada na primeira busca ainda na Biblioteca Central Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o resultado foi “zero obras literárias sobre o tema”.

Ao nosso ver a parte mais interessante em desenvolver essa pesquisa foi a possibilidade de interação com os críticos locais, conhece-los melhor possibilita compreender melhor os textos e as formas com que analisam os filmes, quais as prioridades e necessidades de suas críticas. Sob nossa ótica não nos cabe aqui tratar da relação da crítica de cinema com a indústria cultural ou ainda qualificar ou desqualificar as críticas aqui produzidas, mas sim analisar o nosso próprio trabalho.



Deste modo, avaliamos as possibilidades que esta pesquisa inicial nos oferece, possibilidade para realização de diversas pesquisas em âmbito local, sobre variados temas nela tratados e registramos aqui nosso objetivo e desejo de dar continuidade a este projeto de forma mais profunda e afinada.

Referências

BARRETO, Marcelo e Banhos, Silvia. Do cineclube ao Cine Shopping. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Comunicação Social- Bacharelado em Jornalismo. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

BARRETO, Rachel Cardoso. *Crítica ordinária*. A crítica de cinema na imprensa brasileira.. 178 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2005. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/barreto-rachel-critica-ordinaria.pdf. Acesso em 05 de abril de 2011.

BORDWELL, David. Making meaning: inference and rhetoric in the interpretation of cinema. USA: Harvard University Press, 1991.

COSTA, Homero de Oliveira. *O cenário dos acontecimentos: Natal em 1935*. São Paulo: ensaio; Rio grande do norte: Cooperativa cultural da ufrn, 2005.

FERNANDES, Anchieta. *Écran Natalense: Capítulos da história do cinema em Natal*. Natal, Sebo Vermelho, 1992

KRINPPENDORF, K. *Análise de Conteúdo: Uma introdução à sua metodologia*, 2ª edição, Sage, Thousand Oaks, CA. 2004

MOURA, Roberto. *Crítica Cinematográfica: Considerações do Novo Milênio*. 2002. Disponível em: www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/download/303/185 Acesso em: 02 de junho de 2011.

PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2009.